

CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM PARA REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

¹ Hercília Gleyce Vasconcelos Nascimento, Layane Chayanne Nascimento da Silva, Luana Barbosa Pereira Gomes, ² Rosália Carvalho

¹ Acadêmicas da Faculdade dos Palmares- FAP, ² Orientadora

RESUMO:

Violência obstétrica (VO) é a apropriação do corpo da mulher e dos processos reprodutivos por profissionais de saúde. A enfermagem destaca-se na área da obstetrícia com sua cientificidade e habilidade, baseada na confiança entre parturiente e enfermeiro, prestando assistência à gestante do pré-natal até o puerpério. O objetivo do trabalho foi descrever como a enfermagem pode contribuir para reduzir a ocorrência de violência obstétrica através de um estudo de revisão integrativa da literatura, período entre agosto a novembro de 2024, Palmares-PE, nas bases de dados BVS, Mendeley e Scielo, empregando os descritores “Enfermagem obstétrica”, “violência obstétrica”, “parto”. A seleção dos artigos foi realizada utilizando como critérios de elegibilidade: formulação do problema, coleta de dados, avaliação, interpretação e apresentação dos resultados. Dos sete artigos selecionados, três enfatizam a capacitação do enfermeiro na obstetrícia, a graduação, atuação qualificada no processo do parto e combate à VO. Dois estudos exemplificam ações que ajudam a promover autonomia à parturiente, humanizar a assistência ao parto, como o uso de bola e o cavalinho. As tecnologias não invasivas utilizadas na assistência ao parto são maneiras eficientes de redução da VO. O estudo foi útil para compreender a importância da atuação do enfermeiro na promoção de uma assistência humanizada, segura e qualificada ao parto e nascimento, melhores práticas baseadas em evidências, utilizadas pelo enfermeiro, para garantir o protagonismo e o bem-estar da parturiente, colocando-a no centro do cuidado. Para que o enfermeiro atue no enfrentamento à VO, faz-se necessário capacitação sobre o tema em seus processos formativos.

PALAVRAS CHAVES: enfermagem obstétrica; violência obstétrica; parto.

ABSTRACT :

Obstetric violence (OV) is the appropriation of a woman's body and reproductive processes by health professionals. Nursing stands out in the field of obstetrics with its scientificity and skill, based on trust between the parturient and the nurse, providing assistance to pregnant women from prenatal to puerperium. The objective of this study was to describe how nursing can contribute to reducing the occurrence of obstetric violence through an integrative literature review study, carried out between August and November 2024, Palmares-PE, in the BVS, Mendeley and Scielo databases, using the descriptors “Obstetric nursing”, “obstetric

Acadêmicas de enfermagem. hercilia20190100178@aluno.faculdedospalmares.com.br/
layane20190300195@aluno.faculdedospalmares.com.br/luana201900177@aluno.faculdedospalmares.com.br/ Orientadora. rosaliacarvalho@faculdedospalmares.com.br

violence”, “childbirth”. The selection of articles was carried out using the following eligibility criteria: problem formulation, data collection, evaluation, interpretation and presentation of results. Of the seven articles selected, three emphasize the training of nurses in obstetrics, graduation, qualified performance in the birth process and combating OV. Two studies exemplify actions that help promote autonomy for the parturient and humanize childbirth care, such as the use of a ball and a rocking horse. Non-invasive technologies used in childbirth care are efficient ways to reduce OV. The study was useful in understanding the importance of the nurse's role in promoting humanized care, safe and qualified delivery and birth, best evidence-based practices, used by nurses, to ensure the protagonism and well-being of the parturient, placing her at the center of care. For nurses to act in dealing with OV, training on the subject is necessary in their formative processes.

KEYWORDS: Obstetric nursing; Obstetric violence; childbirth.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza violência obstétrica (VO) como apropriação do corpo da mulher e dos processos reprodutivos por profissionais de saúde, na forma de um tratamento desumanizado, medicação abusiva ou patologização dos processos naturais, reduzindo a autonomia da paciente e a capacidade de tomar suas próprias decisões livremente sobre seu corpo e sua sexualidade, o que tem consequências negativas em sua qualidade de vida (Brasil, 2019).

Uma em cada quatro mulheres sofre algum tipo de violência obstétrica no Brasil, segundo estudo da Fundação Perseu Abramo (2010), atingindo sobretudo, os grupos de mulheres notoriamente excluídas. A ficha de notificação individual de violência interpessoal e autoprovocada do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) não possui um campo específico para a notificação da violência obstétrica, o que pode representar uma subnotificação de dados oficiais sobre esse problema de saúde pública no Brasil, dificultando assim a criação de novas políticas públicas em prol deste tema.(Martins et al,2023).

Almeida et al. (2018) citam a enfermagem como profissão que cada vez mais mostra seu conhecimento na área da obstetrícia com sua cientificidade, capacidade, habilidade, aliada a formação de vínculo baseado na confiança entre parturiente e enfermeiro, sendo este, um profissional importante no processo, capaz de assistência à gestante desde o pré-natal até o puerpério.

O parto deveria ser um momento marcante e prazeroso na vida da mulher, porém, quando associado à violência obstétrica, são violados seus direitos e sua autonomia, gerando transtornos à vida dela, e que a falta de informação aparece como uma das maiores causas, podendo esta informação ser ofertada desde o momento do pré-natal, com o profissional enfermeiro, na atenção primária (Carvalho et al., 2023). No entanto, muitas mulheres não percebem serem vítimas da violência obstétrica por desconhecerem o termo e possuírem dificuldade de identificar os atos vividos como uma violação da sua integridade física, psicológica e moral. (Ribeiro et al., 2020).

O incremento da tecnologia no cenário do parto, tirou o papel de protagonista da gestante e fez do parto uma patologia, onde foram acrescentados procedimentos e fármacos desnecessários num processo fisiológico da mulher. Assim o direito de escolha que deveria ser apenas da mulher passa a ser do profissional de saúde e este detém o papel de protagonista que deveria ser da parturiente, além disso os autores enfatizam que a assistência humanizada no parto diminui a mortalidade de mães e bebês consideravelmente. (Paula et al., 2020).

Assim sendo, Silva e Aguiar (2020) afirmam que a qualificação dos profissionais responsáveis pelo atendimento à gestante e as ações desenvolvidas no pré-natal são formas de compreender a prática, bem como de evidenciar a necessidade de estratégias que favorecem a participação efetiva do profissional enfermeiro na assistência obstétrica. Os autores discutem ainda que a educação em saúde realizada pela equipe liderada pelo enfermeiro nas UBS é fundamental para o enfrentamento da violência obstétrica, tornando-se instrumento que permite que as gestantes tirem suas dúvidas.

O parto é classificado processo fisiológico e que faz parte do sistema reprodutor feminino e como tal é um momento da mulher, a qual deve ser protagonista. Além disso, a teoria interpessoal pode ser utilizada para embasar a prática do enfermeiro, como facilitadora na construção de vínculo com a gestante a fim de informar e educar acerca dos processos naturais e dos seus direitos. (Paiva et al., 2022)

Portanto, a assistência de enfermagem à gestante deve ser pautada na escuta ativa, apoio emocional, boas práticas para alívio da dor e a utilização de outros meios não farmacológicos e métodos que favoreçam a vivência de um parto humanizado. Entretanto, o desconhecimento dos enfermeiros acerca da violência obstétrica e de maneiras de enfrentamento, torna-se um

impedimento na condução da gestação com acesso a informações adequadas (Oliveira et al., 2017).

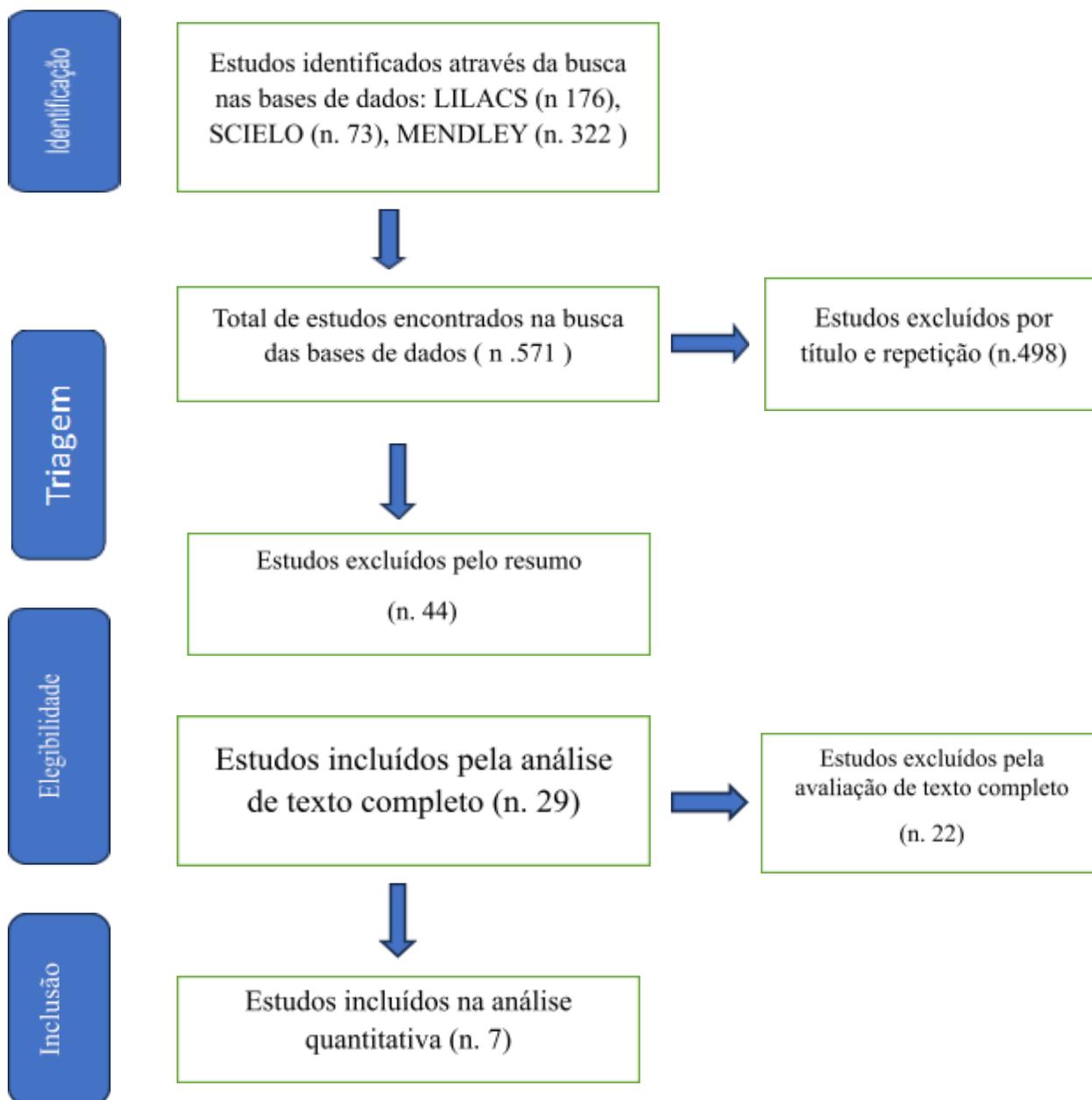
Nesse contexto, mediante o cenário atual e do modelo assistencial obstétrico no Brasil, é importante que o enfermeiro busque se qualificar e compreenda a violência obstétrica de forma ampla, para prestar uma boa assistência no pré-natal, parto, pós-parto e puerpério (Carvalho et al., 2023). Por isso, a presente pesquisa tem o objetivo geral de descrever como a enfermagem pode contribuir para reduzir a ocorrência de violência obstétrica.

2 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo do tipo revisão integrativa da literatura científica feito em cinco etapas: formulação do problema, coleta de dados, avaliação dos dados, interpretação dos dados e apresentação dos resultados. A busca foi feita no período de agosto a setembro de 2024, nas bases de dados BVS (biblioteca Virtual em saúde), Mendeley e Scielo (Scientific Electronic Library Online) acerca das Contribuições da Enfermagem para Redução da Violência Obstétrica, utilizando Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da BVS “Enfermagem Obstétrica”, “Violência Obstétrica” e “Parto”, utilizando o operador booleano “AND”. A escolha das bases de dados deu-se pela acessibilidade e credibilidade das mesmas. Foram utilizados como critérios de inclusão os artigos originais publicados entre os anos de 2020 e 2024, e que estejam em língua portuguesa, sendo excluídos artigos repetidos ou que não apresentarem o texto completo gratuito. Seguindo a orientação de Mendes et al. (2019) que dizem que, uma pergunta norteadora deve ser construída a fim de identificar os descritores e nortear a busca literária, os artigos selecionados precisam responder à pergunta norteadora: Como a enfermagem pode contribuir para a redução da violência obstétrica?

A seleção dos artigos foi feita de forma independente, sendo lidos os títulos e resumos para eleição dos artigos a serem lidos na íntegra e assim selecionados para a realização dos estudos, onde foi feito um fichamento com os artigos selecionados, extraindo de cada um deles: o autor, o ano de publicação e os resultados trazidos, analisando os dados de maneira criteriosa e apresentados os resultados de maneira descritiva, apontando-os em porcentagens e comparando-os com a literatura.

FLUXOGRAMA:



fonte: As autoras

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados para esta pesquisa, sete artigos publicados nos últimos cinco anos que respondessem à pergunta norteadora. Estes demonstram algum aspecto da assistência prestada pela Enfermagem no momento do parto. As evidências foram avaliadas de acordo com a

Acadêmicas de enfermagem. hercilia20190100178@aluno.faculdedospalmares.com.br/
layane20190300195@aluno.faculdedospalmares.com.br/luana201900177@aluno.faculdedospalm
ares.com.br/ Orientadora. rosaliacarvalho@faculdedospalmares.com.br

opinião expressa pela própria enfermagem ou pelas parturientes ouvidas nos estudos publicados na literatura. Na figura 1, temos os principais achados nos artigos selecionados.

Quadro 1- Sumarização dos principais achados nos artigos selecionados para a pesquisa

| AUTOR | OBJETIVO | MÉTODO | RESULTADO |
|---------------------------|--|--|--|
| Silva et al. (2020) | Construir o Discurso do Sujeito Coletivo de Enfermeiros pós-graduandos em Enfermagem Obstétrica sobre a violência obstétrica. | Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em um Centro Universitário em Teresina-PI. Participaram 20 Enfermeiros, pós-graduandos em Enfermagem Obstétrica. Os dados foram coletados por questionário e analisados pela técnica do discurso do sujeito coletivo. | Foi possível ratificar a importância da formação do Enfermeiro diante da violência obstétrica. Principalmente habilitar, o profissional na pós graduação em obstetria. tendo como forma de combate As principais expressões-chave identificadas nos discursos foram: formação acadêmica, conhecimento na prática educativa, assistência de qualidade, descasos científicos, tecnológicos e humanísticos, fortalecimento do modelo assistencial, planejamento estratégico no setor saúde, base humanista e olhar clínico do profissional. |
| Nascimento, et al. (2022) | Viabilizar reflexões em benefício da mulher permitindo aos profissionais enfermeiros refletirem sobre Violência Obstétrica e boas práticas em obstetria. | Estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa desenvolvida num hospital com 10 enfermeiros que responderam a três perguntas acerca de suas práticas e percepções. | Percebeu-se diante das respostas dos enfermeiros que Violência Obstétrica não se restringe ao aspecto físico mas envolve a forma como a mulher é tratada durante o processo de parto e que há necessidade de discutir sobre assistência ao parto e ferramentas que aprimorem o atendimento tornando-o mais sereno e minimizando os danos da Violência. |

| AUTOR | OBJETIVO | MÉTODO | RESULTADO |
|-------------------------------------|--|--|---|
| Prata, Juliana Amaral et al. (2021) | Descrever as contribuições terapêuticas da utilização de tecnologias não invasivas de cuidado, oferecidas por enfermeiras obstétricas, durante o trabalho de parto. | Estudo qualitativo e descritivo, com oito enfermeiras obstétricas da casa de parto do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados de setembro a dezembro de 2018, através de entrevistas semiestruturadas, e submetidos à técnica de análise temática. | Tecnologias não invasivas de cuidado como o estímulo a posicionamentos verticalizados e movimentos corporais, possuem contribuições terapêuticas e conformam um cuidado desmedicalizado, respeitoso e centrado na mulher, que promove a autonomia feminina. |
| Paula et al. (2020) | Compreender a percepção dos gestores das maternidades públicas da Região Metropolitana II do estado do Rio de Janeiro acerca da violência obstétrica e as medidas para o seu enfrentamento visando à garantia da qualidade da assistência. | Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 16 gestores de saúde de cinco maternidades da Região Metropolitana II do estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, aplicadas no período de maio de 2017 a maio de 2018, e submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática. | Necessidade da formação em saúde como norteador da política de humanização e da gestão das unidades de saúde, preparo profissional para atuação e de envolvimento de profissionais com mais tempo de serviço para modificar práticas no cuidado obstétrico. Assim, ficou evidente a necessidade de romper com a violência obstétrica que está em nível estrutural/institucional a fim de garantir um cuidado de qualidade à mulher. |
| Leal et al. (2021) | Compreender as práticas de humanização no parto na ótica de puérperas e enfermeiras obstétricas. | Pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa, desenvolvida em uma maternidade no estado da Bahia. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas, com um roteiro estruturado aplicado a 11 puérperas e 5 enfermeiras obstétricas no período | O estudo desvelou a importância do uso de tecnologias leves de cuidado, respeito ao protagonismo feminino, participação ativa e autonomia da mulher como impacto positivo no parto. |

| AUTOR | OBJETIVO | MÉTODO | RESULTADO |
|----------------------|--|--|---|
| | | de março a junho de 2019. A análise seguiu a estrutura de conteúdo de Bardin. | |
| Orso et al. (2021). | Descrever a compreensão, a experiência e as proposições da equipe multidisciplinar em saúde em relação à violência obstétrica. | Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa descritiva e exploratória realizado no hospital público materno infantil situado em um município brasileiro do interior sendo referência para gravidez de alto risco e urgência infantis os dados foram obtidos a partir de entrevistas individuais guiada por roteiro semiestruturado participaram da entrevista profissionais da equipe multidisciplinar em saúde entre eles auxiliares de enfermagem e enfermeiros | O estudo revelou que a enfermagem demonstra desconhecimento acerca de violência obstétrica. E a inserção de enfermeira obstétrica no ambiente estudado foi citada como primordial enriquecedora e humanizadora ajudando a reduzir intervenções desnecessárias. Sugerem ofertas de capacitações e atualizações sobre o tema. |
| Dulfe et al., (2022) | Identificar e analisar os desafios apresentados por enfermeiras obstétricas, quanto à inserção na assistência ao parto e nascimento. | Estudo descritivo, exploratório, abordagem qualitativa, com realização de três grupos focais com 16 enfermeiras obstétricas do curso de aprimoramento, entre agosto e novembro de 2019. Os depoimentos foram gravados e submetidos à análise | Destacaram-se como desafios das enfermeiras obstétricas a demanda de trabalho e a sobrecarga com atividades burocráticas; os conflitos com a equipe de saúde na assistência compartilhada; o processo de autonomia limitada da enfermeira obstétrica; e a intensa necessidade de validar a |

| AUTOR | OBJETIVO | MÉTODO | RESULTADO |
|-------|----------|-------------------------------------|---|
| | | de conteúdo na modalidade temática. | própria competência técnica diante da equipe de saúde |

fonte: As autoras (2024)

A formação e capacitação do enfermeiro

De acordo com os artigos, observou-se que três deles (42,85%) trazem como importante a formação do enfermeiro na área de obstetrícia, para atuar no processo de parto da mulher, bem como, a identificação e a capacitação para combater a violência obstétrica, a fim de minimizar este tipo de situação (Silva et al, 2020; Paula et al., 2020; Orso et al., 2021). É demonstrado que a boa formação e esclarecimento do enfermeiro é diretamente proporcional a um parto com qualidade onde a mulher é vista como principal protagonista e é respeitada de forma integral em seus direitos e necessidades.

Nesse contexto, a capacitação do enfermeiro obstetra deve priorizar o conhecimento da violência obstétrica em virtude da redução da mesma, o que não impede que desde a graduação o enfermeiro já seja preparado para boas práticas de humanização, corroborando para o processo fisiológico do parto. Os autores enfatizam o olhar clínico do enfermeiro inerente a sua profissão, ao qual é responsável pelo cuidado integral do binômio mãe-bebê, visando o bem estar deste (Silva et al., 2020).

No entanto os referidos artigos analisados apontam para uma frágil preparação durante a graduação, no que cerne a violência obstétrica e a humanização do parto, sugerindo inclusive que se tenha mais abordagens do tema na formação no ciclo gravídico como um todo. Além disso, Orso et. al. (2021) discutem sobre a priorização de enfermeiros obstetras para atuação no parto, já que, segundo os autores, estes têm maior foco na necessidade. A educação sempre foi uma ferramenta indispensável para a resolução de problemas, portanto, no contexto da saúde, é uma ferramenta essencial para a aplicação de conhecimentos sistematizados e holísticos, onde o enfermeiro deve se manter atualizado sobre como gerenciar seus cuidados a fim de proporcionar uma assistência segura e efetiva à mulher no parto. (Nascimento et al.,

2022), Sendo assim, os autores afirmam ainda que o processo de mudança na forma de assistir à mulher é fundamental para a garantia de seus direitos e para isto, o enfermeiro deve priorizar a educação continuada, já que é importante que o momento do parto, que era visto como aflição passe a ser de acolhimento, longe de traumas e prejuízos.

Enfermeiros e o estímulo a tecnologias não invasivas

No que se refere às práticas de humanização do parto, dois dos artigos (28,58%) apontam exemplos de ações praticadas pelos enfermeiros. As Técnicas não invasivas de cuidados em enfermagem (TNICE) são maneiras de acompanhamentos respeitosos à gestante neste processo dando todo o suporte para que a mesma participe protagonizando este momento, sendo acompanhada por quem ela quer, na posição e local de melhor conforto. Ou seja, são meios pelos quais se garante que a gestante tenha suas opiniões consideradas e respeitadas.(Prata et al., 2020)

O estudo traz como exemplos de TNICE, o estímulo a respiração e o oferecimento de música, sendo o primeiro como técnica que se traduz no relaxamento, aumento da quantidade de oxigênio e diminuição da pressão arterial, e o segundo aumentando a qualidade do ambiente onde o parto está acontecendo fornecendo à mulher a manutenção do equilíbrio emocional. Os autores também denunciam o fato de que excesso de luz, som e outros estímulos agem diretamente na área primitiva do cérebro responsável pelo raciocínio, prejudicando a parturiente e provocando um maior estresse.

As tecnologias não invasivas utilizadas por parte da enfermagem, são tidas como maneira mais eficiente de humanização do parto e exclusão das formas de VO., em especial a de caracterização física. Este fato apareceu em ambos trabalhos observados, (Prata et al., 2020; Leal et al., 2021). Ainda no primeiro trabalho, foram citadas outras técnicas utilizadas pela enfermagem como: uso da bola, do cavalinho e da banquetta, e do banho quente, como instrumentos que estimulam de maneira positiva o avanço do processo de parto com conforto, uso de óleos essenciais e da penumbra como recursos para proporcionar efeitos positivos do ambiente no cérebro da parturiente, o estímulo à deambulação e uso de técnicas específicas

baseadas na fisiologia e anatomia. Tudo isto favorecendo um processo de parto consciente e confortável.

Corroborando com o uso de técnicas não invasivas no cuidado de enfermagem no momento do parto, a literatura mostra o uso das práticas integrativas complementares (PICS), que são técnicas que estimulam alternativas inovadoras podendo ser fornecidas em todos os âmbitos da saúde. Isto é demonstrado no estudo de Silva et al. (2020) que fala destas PICS utilizadas na fase ativa do período de parto com significativos resultados, como redução da dor, tratamento de distocias obstétricas, estímulo a emoções positivas e relaxamento. Os autores trazem como PICS mais utilizadas: O uso de florais, a auriculoterapia, a hidroterapia e a musicoterapia. Estas, além de trazer melhor conforto à parturiente reduz o uso de fármacos durante o processo.

A participação do enfermeiro no processo de parto e desafios para assistência

O enfermeiro generalista é capaz de cuidar da parturiente e gerenciar o processo de parto de forma a promover humanização na assistência e evitar a ocorrência de episódios característicos de V.O. Porém, aqueles que possuem especialização em obstetrícia, segundo os autores Silva et al (2020), estão melhor preparados por ter o conhecimento teórico e prático mais detalhado, para fazer parte do contexto e da equipe de assistência à mulher durante todo o ciclo gravídico culminando com o momento do parto.

O enfermeiro deve ser empático no período perinatal oferecendo um cuidado integral sendo multiplicador de informação, tendo o conhecimento necessário para identificar as formas de violência e assim a sua prevenção, desta forma é possível a sua notificação e diminui as chances de subnotificação de casos da VO. Ressalta-se também a importância das lideranças de equipes de enfermagem se responsabilizar por sua capacitação ofertando educação em saúde permanente com fundamentos científicos (Martins et al., 2023).

O atendimento inadequado e a falta de conhecimento são fatores de risco para a violência obstétrica. Os autores trazem ainda em destaque como referência o enfermeiro obstetra como influenciador de boas práticas devendo garantir o protagonismo e autonomia desta mulher, incentivando a primeira mamada, e o primeiro contato da mãe com seu bebê, bem como a

Acadêmicas de enfermagem. [hercilia20190100178@aluno.faculdedospalmares.com.br/](mailto:hercilia20190100178@aluno.faculdedospalmares.com.br)
[layane20190300195@aluno.faculdedospalmares.com.br/](mailto:layane20190300195@aluno.faculdedospalmares.com.br)luana201900177@aluno.faculdedospalm
ares.com.br/ Orientadora. rosaliacarvalho@faculdedospalmares.com.br

prevenção da violência obstétrica garantindo um pré-natal bem assistido. (Lemos et al.,2022)

No entanto,os enfermeiros enfrentam alguns desafios para comprovar sua eficiência e efetiva assistência ao parto. Os autores colocam que, mesmo com respaldo nas leis que regem a enfermagem obstétrica, muitas vezes o modelo medicalocêntrico em que ainda predomina na assistência à saúde no país, evidencia o médico como detentor do saber e a enfermagem à margem, negligenciando as evidências científicas que comprovem a eficiência do cuidado. (Dulfe et al.,2022)

Todavia isto impede que haja um alinhamento de condutas e aproximação de saberes específicos de cada profissão, que fazem parte da equipe multidisciplinar interferindo na qualidade da assistência. Além disso, há nos centros obstétricos uma falha no dimensionamento da enfermagem que por muitas vezes permanece sobrecarregada com um excesso de trabalho que, indubitavelmente, acarreta em dificuldades no atendimento. (Dulfe et al.,2022)

Fica evidente na escrita de todos os artigos analisados que a prática da violência obstétrica na assistência ao parto está enraizada em nível estrutural e institucional e que é importante que todos os envolvidos no processo do parto estejam bem instruídos para combatê-la de forma eficiente, especialmente o profissional enfermeiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, fica evidente que segundo os autores analisados, o enfermeiro tem formas de atuar no enfrentamento a Violência Obstétrica reduzindo assim as ocorrências destes atos que tiram da mulher a sua autonomia, desrespeita e viola leis e faz do momento do parto algo traumatizante para esta parturiente. Foi visto que através das TNICE como o estímulo a respiração, música ambiente, uso de instrumentos como a bola e o cavalinho, a escolha da livre demanda de posição que a mulher achar confortável com estímulo para a verticalização, apoio e uma escuta qualificada, torna-se um atendimento humanizado e sadio para mãe e bebê. Dentre o uso das TNICE, foi visto que é bastante utilizado pela equipe multidisciplinar, em especial pelo enfermeiro, as PICS (práticas integrativas complementares) como recursos terapêuticos com significativos resultados e ampla aceitação por parte dos profissionais e das

parturientes já que trazem conforto, redução da dor e relaxamento, tornando esse momento mais positivo e saudável.

No entanto, faz-se necessário a capacitação sobre o tema violência obstétrica nos processos formativos dos profissionais e enfatiza-se a necessidade da formação na área de obstetrícia desde a graduação até a especialização a fim de formar o profissional para atuar em todo o período gravídico sendo ele cientificamente e comprovadamente capaz de participar ativamente numa equipe multidisciplinar de cuidados. Além disso, o profissional enfermeiro precisa estar constantemente na busca por qualificação, sendo imprescindível o investimento em educação continuada para que o cuidado oferecido seja sempre o mais eficaz e humanizado possível. Os estudos mostram que o enfermeiro generalista é capaz de atuar de maneira eficaz no parto e apoiar a gestante como protagonista, no que ela necessitar, porém, é comprovado que a especialização em obstetrícia traz uma maior capacitação para este momento e no combate a violência obstétrica já que há uma maior discussão de casos e abordagens nesta etapa da formação do enfermeiro.

No entanto, a literatura traz ainda como desafio a insistente necessidade de comprovar a expertise nesta área por parte do enfermeiro já que no modelo assistencial medicalocêntrico muito se espera do médico e o têm por muitas vezes como detentor do saber. O cuidado compartilhado por uma equipe multidisciplinar empenhada em auxiliar a gestante fazendo dela a protagonista do seu momento do parto, só traz benefícios tanto para a mãe quanto para o bebê.

Desta forma esse estudo vem corroborar com o que já existe na literatura, afirmando a importância do profissional enfermeiro obstetra na conduta e avaliação da gestante durante o período do pré natal, parto e pós parto , pois durante este processo o enfermeiro está na assistência direta a parturiente podendo assim reduzir a violência obstétrica, garantindo a qualidade dessa assistência e a humanização do parto.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, et al. Humanização do parto. A atuação dos enfermeiros. **Revista Enfermagem Contemporânea**. V. 4. Salvador- BA, 2015. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=ALMEIDA%2C+et+al.+Humaniza%C3%A7%C3%A3o+do+parto.A+atua%C3%A7%C3%A3o+dos+enfermeiros.+R+evista+Enfermagem+Contempor%C3%A2nea.+V.+4.+Salvador-+BA%2C+2015.+&btnG=

CARVALHO, Ena et al. Conhecimento de enfermeiros sobre violência obstétrica: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Development*, v. 9, n. 4, p. 13370-13382, 2023. Disponível : <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/58865>

DA SILVA, Mariana Isidoro; AGUIAR, Ricardo Saraiva. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. **Nursing São Paulo**, v. 23, n. 271, p. 5013-50242020. Disponível: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/568>

DE OLIVEIRA, Tayse Ribeiro et al. Percepção das mulheres sobre violência obstétrica. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 1, p. 40-46, 2017. DOI: 10.5205/reuol.9978-88449-6-1101201701 Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11876>

DULFE, Paolla Amorim Malheiros et al. Desafios de enfermeiras obstétricas na assistência ao parto e nascimento: estudo descritivo e exploratório. **Online braz. j. nurs.(Online)**, p. e20226582-e20226582, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1400800>

Fundação Perseu Abramo. Violência no parto: na hora de fazer não gritou. *Revista focus*. Brasil, 2013. Disponível em:

Acadêmicas de enfermagem. hercilia20190100178@aluno.faculdedospalmares.com.br/
layane20190300195@aluno.faculdedospalmares.com.br/
luana201900177@aluno.faculdedospalm
ares.com.br/ Orientadora. rosaliacarvalho@faculdedospalmares.com.br

<https://fpabramo.org.br/2013/03/25/violencia-no-parto-na-hora-de-fazer-nao-gritou>

LEAL, Mariana Silveira et al. Práticas de humanização no transcurso parturitivo na ótica de puérperas e enfermeiras obstétricas. **Revista Brasileira de enfermagem**, v. 74, p. e20190743, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0743>

LEMONS, Sara de Souza et al. Violência obstétrica: o enfermeiro como promotor de uma assistência qualificada. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 5, n. 05, p. 20274-20283, 2022. Disponível em : <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/5280> ARTINS, Isabelle

Melo et al. Atuação da enfermagem diante da violência obstétrica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 8, p. e13581-e13581, 2023. Disponível em : <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1358>

NASCIMENTO, David Ederson Moreira do et al. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, p. 8242-8253, 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-13918> Mundial da Saúde (OMS). Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde. Genebra, Suíça, 2014 Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Organiza%C3%A7%C3%A3o+Mundial+da+Sa%C3%BAde+%28OMS%29.Preven%C3%A7%C3%A3o+e+elimina%C3%A7%C3%A3o+de+abusos%2C+desrespeito+e+maus-tratos+durante+o+parto+em+institu%C3%A7%C3%B5es+de+sa%C3%BAde.+Genebra%2C+Sui%C3%A7a%2C+2014&btnG=

ORSO, Livia Faria et al. Violência Obstétrica: experiência da equipe multidisciplinar em saúde. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-15], 2021. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5205/1981-8963.2021.246960>

PAIVA, et al. Representações sociais da violência obstétrica para puérperas e profissionais da Saúde : Análise fatorial de correspondência. **Cogitare Enfermagem**. V. 27. Ceará, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.7519>.

Acadêmicas de enfermagem. hercilia20190100178@aluno.faculadadedospalmares.com.br/
layane20190300195@aluno.faculadadedospalmares.com.br/
luana201900177@aluno.faculadadedospalmares.com.br / Orientadora. rosaliacarvalho@faculadadedospalmares.com.br

PAULA, Enimar de et al. Violência obstétrica e o atual modelo obstétrico, na percepção dos gestores em saúde. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, p. e20190248, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0248>

PRATA, Juliana Amaral et al. Tecnologias não invasivas de cuidado utilizadas por enfermeiras obstétricas: contribuições terapêuticas. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210182, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1350746>

RIBEIRO, et al. A violência obstétrica na percepção das múltiparas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190419>.

SILVA, Thalita Monteiro da et al. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, p. eAPE20190146, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1130551>

SILVA, A. D. do V.; CUNHA, E. A. da; ARAUJO, R. V. The benefits of integrative and complementary practices in childbirth work. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e614974468, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4468. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4468>